



Carlos Arthur
Ribeiro do Nascimento

Escritas

VOLUME I

A filosofia dos teólogos

Apresentação
Adriano Martins Soler

2023

Copyright © Editora Madamu, 2023

Editores

Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Capa

KOPR Comunicação, com imagem Depositphotos

Tiragem

300 exemplares

*Todos os direitos reservados à Editora Madamu
Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP
CEP 03128-010 - Fone: (11) 2966 8497
www.madamu.com.br
E-mail: leitor@madamu.com.br*

N244e Nascimento, Carlos Arthur Ribeiro do (1935-)

Escritos / Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. Volume 1.
A filosofia dos teólogos. - 1ª. ed.. - São Paulo: Editora Madamu,
2023.

220 p., 14 x 21cm
ISBN 978-65-86224-41-2

1. Filosofia Medieval Ocidental. 2. Religião. I. Título.

CDD: 189.4

CDU: 165.612

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia 2. Religião
189.4

*À memória de D^a. Rosália,
que me ensinou a ler, escrever e fazer conta.*

SUMÁRIO

9	<i>Apresentação</i>
13	<i>A origem dos textos</i>
17	I O que é filosofia medieval?
75	II O entendimento da fé segundo Santo Agostinho
87	III A matriz agostiniana e o século XIII
123	IV Tomás de Aquino entre Agostinho e Aristóteles
135	V O caráter científico da Sagrada Doutrina segundo Santo Tomás de Aquino
151	VI Tomás de Aquino: um experimento
173	VII A serva da teologia e a dama dos salões
187	<i>Entrevista com o autor</i>

Apresentação

Apresentar um livro com os artigos escritos pelo Professor Carlos Arthur no decorrer de sua carreira acadêmica fez surgir em mim um misto de emoções. Primeiramente, pelo óbvio motivo de ter sido ele o meu orientador de mestrado na PUC/SP e, depois, pelo fato de que todo aquele que estuda a filosofia medieval, seja por vida acadêmica, seja por curiosidade, já se deparou com algum de seus textos acerca de Tomás de Aquino, filósofo que é reconhecido como sua especialidade, ou sobre algum outro pensador ou tema da época.

Sei muito bem o quão desnecessário é apresentá-lo àqueles que o conheceram pessoalmente. Mas, como nem todos tiveram ou terão essa oportunidade, quero, de forma resumida, já que o professor não é muito afeito a elogios, falar da experiência que tive enquanto seu aluno/orientando. Lembro-me como se fosse hoje de quando tive aula, pela primeira vez, com ele. Era uma tarde de quarta-feira, no segundo semestre do ano de 2012 em que o prof. Carlos Arthur nos explicava “a querela dos Universais”, com um jeito simples, uma fala tranquila e – acima de tudo – clara, em uma disciplina do Programa de Pós-graduação da PUC/SP,

sempre com uma piadinha medieval entre uma e outra explicação para tornar o tema menos pesado. Já havia tido a oportunidade de ouvi-lo tratando da teoria do conhecimento em Tomás de Aquino, mas, de certa forma, era uma experiência diferente, uma vez que, ali, eu estava como seu orientando de mestrado.

Como orientador, Carlos Arthur é um exemplo de respeito, cordialidade, atenção e, como não poderia faltar em um bom professor, bom humor. Eu, que morava no litoral de São Paulo à época, enviava por e-mail meu texto que era respondido pelos Correios, via Sedex. Ele tinha o cuidado de imprimir o texto e anotar seus comentários à lápis, sempre sugerindo, nunca impondo, alterações. Quando ingressei no doutorado, em 2022, na UFABC, recebi dele o mesmo carinho e atenção. Leu meu projeto, fez seus apontamentos e me encaminhou de volta, porém, dessa vez, como um anexo de e-mail. Hoje, com meus alunos, tento aplicar, dentro das minhas limitações, o mesmo cuidado que recebi dele durante minha caminhada acadêmica.

A ideia de lançar obras contendo os artigos escritos por ele e organizados por temas foi simplesmente fantástica! Aproveito para parabenizar ao Marcelo Toledo, da Editora Madamu, por tal realização pois, embora com a internet seja possível encontrarmos vários de seus artigos, muitos correm o sério risco de se perder, já que estamos falando de décadas de produção bibliográfica, desde uma época em que os processos de arquivamentos não eram tão acessíveis como os de nossos dias.

Vamos falar um pouco do Volume I da obra **Escritos**, cujo subtítulo é *A filosofia dos teólogos*. Ela é composta por sete artigos que datam entre 1992 e 2017. O primeiro texto (1992) é leitura obrigatória – não que os outros não sejam – àqueles que desejam ter um conhecimento panorâmico e breve sobre o que é a filosofia

medieval, visto que, diferente do que dizem os néscios e incautos, nada tem de período das trevas. O escrito nos apresenta um contexto sobre a literatura e história medieval, bem como acerca dos debates que aconteciam à época. Além disso, temos, ainda, acesso a nomes de pensadores da idade média que não são tão populares como Abelardo, Tomás de Aquino, Guilherme de Ockham, mas que, de alguma forma podem contribuir, e muito, à formação de todo medievalista.

Os três artigos seguintes farão referência a Santo Agostinho. O primeiro, acerca do seu entendimento da fé (2003); o segundo, sobre como seu pensamento influenciou o século XIII (2017); e o terceiro, funcionando como uma transição, sutil, para Tomás de Aquino, aborda como o Aquinate conciliou o pensamento de Agostinho com Aristóteles, em relação à teoria do conhecimento (2002).

No quinto escrito, *O caráter científico da sagrada doutrina segundo santo Tomás de Aquino*, publicado em 2007, o professor nos mostra que Santo Tomás aponta o ensinamento cristão como uma ciência em um estado instável pela ausência de evidência de seus princípios, que são cridos no presente estado de vida e dos quais só se terá evidência na visão beatífica. É essa própria situação que acarreta que ele seja uma constante aspiração pela visão plena. O sexto texto (2015) busca apresentar o doutor angélico por meio de sua própria obra e o último, *A Serva da Teologia e a Dama dos Salões* (1992), figura como uma contraposição entre o pensamento medieval e o moderno. E, por derradeiro, temos a entrevista que o professor Carlos Arthur concedeu à *Revista Educação e Filosofia* de Uberlândia, em 2012, momento em que podemos conhecer um pouco mais da sua biografia.

A origem dos textos

Espero que aproveitem a leitura desta obra e, para finalizar essa breve apresentação, cito uma frase muito conhecida que, algumas vezes, ouvi o professor Carlos Arthur citar. Ela expressa como me sinto em relação a ele: “Se eu vi mais longe, foi por estar sobre os ombros de gigantes”.

Adriano Martins Soler
Novembro de 2023

O título do primeiro volume dessa coletânea de textos, todos eles publicados anteriormente, é tomado emprestado de uma contribuição de Jean-Luc Solère para o volume *La servate et la consolatrice* (Paris: J. Vrin, 2002, pp. 1-44) organizado por ele e Zénon Kaluza, pois como o próprio Jean-Luc afirma, na Idade Média, “os teólogos não se consideram filósofos (*philosophi*) mas eles fazem filosofia” (Ob. Cit., p. 43).

O texto que abre este primeiro volume, cujo título denuncia sua origem, a coleção Primeiros Passos (v. 261), da Editora Brasiliense, para a qual foi solicitado pelo professor Floriano Jonas Cesar, teve sua publicação em 1992 e houve uma 2ª edição em 2004. Espero que sua leitura torne mais claro o título do conjunto desse volume.

Na realidade ele é uma expansão ou desdobramento de um texto que não consta desta coletânea e que foi publicado como parte do volume *Uma história da filosofia*. Rio de Janeiro: UNIVERSITA/UFRJ, 1988, v. 2, pp. 39-55, tendo sido reproduzido em Santos, M. V. (Org.), *Os pensadores, um curso*. Rio de Janeiro: Casa do Saber, Relume Dumará, 2006, pp. 55-71, reeditado em 2009,

pp. 65-81, 235-237. Aqui, esse último não foi incluído porque faria duplo emprego com o anterior. Seu título era *Construção do pensamento na Idade Média*.

O entendimento da fé segundo santo Agostinho foi publicado de início em Vaz Leão, A. e Bittencourt, V. O. (Orgs.) *Anais do IV encontro internacional de estudos medievais*. Belo Horizonte: PUCMG, ABREM, CNPq e FAPEMIG, 2003, pp. 74-80 e reproduzido em Soares, A. M. L. e Passos, J. D. (Orgs.), *Teologia e ciência*. São Paulo: Educ, Paulinas, 2008, pp. 23-31.

O terceiro texto, *A matriz agostiniana e o século XIII*, pode ser considerado como uma aplicação do anterior a esse século. É o mais recente de todos e foi publicado em *Scintilla*, Curitiba, v. 14, n. 2, Jul/Dez. 2017, pp. 39-66.

Os textos situados em 4º, 5º e 6º lugares, como seus títulos indicam, referem-se a Tomás de Aquino, tendo sido publicados *Tomás de Aquino entre Agostinho e Aristóteles* em Palacios, P. M. (Org.) *Tempo e razão*. São Paulo: Loyola, 2002, pp. 63-73; *O caráter científico da sagrada doutrina segundo santo Tomás de Aquino*, primeiro, em Baronto, L. E. P. e Vilela, M. (Orgs.) *Frutos de gratidão*. São Paulo: Paulinas, UNISAL, 2007, pp. 134-145 e reproduzido em Soares, A. M. L. e Passos, J. D. (Orgs.), Op. Cit., pp. 31-41.

O sexto e penúltimo texto é uma tentativa de apresentar Tomás de Aquino remetendo ao próprio texto deste. Foi publicado em Santos, M. V. (Org.), *Os Pensadores, um curso*. Santos: Realejo, 2015, pp. 92-110.

O último texto é o mais antigo de todos e foi publicado em *Humanidades*, v. 8, n. 3, 1992, pp. 281-287. Recebeu esta posição porque pode ser lido como uma passagem e contraste entre as filosofias medievais e as modernas.

Procuramos, assim, caminhar do mais geral para o mais particular e terminar com um texto que, esperamos, represente uma retomada de conjunto.

São Paulo, 29 de setembro de 2023
Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento.

O que é filosofia medieval?

I. INTRODUÇÃO EXPLICATIVA DE TUDO O MAIS

COMEÇANDO PELO COMEÇO OU PELO FIM

Nos últimos anos a idade média ficou na moda. O romance de Umberto Eco, *O nome da rosa*, foi traduzido em várias línguas e ocupou durante meses o primeiro lugar nas listas de mais vendidos. *As brumas de Avalon* venderam tanto quanto ou até mais que o livro de Eco. Até mesmo os costureiros entraram na dança; ainda recentemente um jornal começava um noticiário de moda com a seguinte frase: “O medieval entra de vez na moda da próxima estação”.

Por outro lado, se alguém der uma olhada na prateleira de filosofia numa livraria, certamente encontrará algum volume com o título de “filosofia medieval”.

Tudo isso parece muito familiar e sem problemas. Nem desconfiamos que a expressão “filosofia medieval” esconde uma quantidade de problemas. Começemos, portanto, perguntando se houve mesmo uma idade média e se houve filosofia nessa tal de idade média.

QUEM INVENTOU A IDADE MÉDIA

Uma marchinha¹ bastante conhecida perguntava e respondia:

*Quem foi que inventou o Brasil?
Foi seu Cabral, foi seu Cabral;
No dia vinte e dois de abril,
Dois meses depois do carnaval.*

Pois a idade média também foi inventada. Um pedagogo alemão chamado Christoph Keller, em latim Cellarius (1638-1707), consagrou a divisão da história ocidental em antiga, medieval e moderna. Consagrou também a ideia que se generalizou sobre o período medieval.

Keller ou Cellarius escreveu três manuais: um de história antiga (1685), um de história da idade média (1688) e um de história nova (1696). A idade média, segundo Keller, estende-se da época do imperador Constantino (324) até a tomada de Constantinopla pelos Turcos (1453). Se, em vez da primeira data, adotarmos a da tomada de Roma pelo chefe germânico Odoacro em 476, teremos a periodização corrente nas escolas.

Keller fixou também a ideia de que esse período intermediário entre a antiguidade e a época moderna nada produziu de importante. Foi um período não só estéril, mas de retrocesso: a “idade das trevas”.

Tanto a periodização da história ocidental em antiga, medieval e moderna, como a interpretação negativa do período me-

1. [N.E.] Lançada em janeiro de 1934, a marchinha “História do Brasil” foi composta por Lamartine Babo (1904-1963) e gravada por Almirante (1908-1980).

dieval foram e são objeto de profundas críticas. Não há nenhuma razão evidente para privilegiar como marcos de início e fim as datas de 476 e 1453. Não é também nada claro que os mil anos compreendidos entre estas datas constituam um único período. Além disso, nada mais estranho do que supor que a humanidade tenha sido vítima durante tão longo tempo de uma irreparável estupidez e, repentinamente, se tenha curado da doença com o renascimento no século XV.

Se consultarmos os próprios medievais, constataremos que eles não se consideravam no meio de coisa nenhuma. Achavam, antes, que estavam no final da história ou, no mínimo, que eram os herdeiros de gente muito mais importante que tinha vivido antes deles. Bernardo de Chartres, no século XII, fez uma comparação que ficou famosa: “Somos comparáveis a anões montados nos ombros de gigantes, o que nos possibilita ver mais coisas que os antigos e mais longínquas; não pela acuidade de nossa própria vista nem pela nossa grande estatura corporal, mas porque nos levantam e nos exaltam àquelas alturas pela sua grandeza gigantesca”.

FILÓSOFOS OU TEÓLOGOS?

Pelo menos no meio universitário, supõe-se que seja um grande elogio chamar alguém de filósofo. Não passa em geral pela nossa cabeça a ideia de que uma pessoa possa dispensar esse título ou até se sentir ofendida com ele. Ora, é precisamente isso o que acontecia com a maioria ou mesmo a totalidade daqueles a quem chamamos hoje em dia de “filósofos medievais”.

De fato, os filósofos, para esses supostos “filósofos medievais”: eram ou pagãos ou infiéis. O filósofo, por excelência, para os

universitários dos séculos XIII e XIV, Aristóteles, era exatamente um pagão, isto é, alguém que, tendo vivido antes de Cristo, não tivera nenhum contato com a mensagem cristã. Outros filósofos respeitadíssimos como Avicena, Averróis ou Maimônides eram infiéis, pois os dois primeiros eram muçulmanos e o último judeu.

Quando aqueles a quem chamamos de “filósofos medievais” queriam se referir aos autores cristãos mais antigos (a quem chamamos hoje de Padres da Igreja), chamavam-nos de “os santos”, distinguindo-os dos filósofos. Eles próprios se consideravam como mestres da sagrada doutrina ou, como dizemos atualmente, teólogos. Se um teólogo recorresse à filosofia nos seus trabalhos teológicos não era chamado filósofo, mas de teólogo filosofante ou simplesmente de filosofante.

OS JUDEUS PEDEM MILAGRES E OS GREGOS SABEDORIA

Para entender a terminologia dos medievais e sua atitude para com a filosofia é necessário uma volta ao Novo Testamento. Precisamos lembrar pelo menos duas passagens do apóstolo São Paulo: seu discurso aos atenienses, conservado nos Atos dos Apóstolos (17, 16-34), e um trecho de sua primeira carta aos cristãos da cidade de Corinto (*I Coríntios* 1, 17-2, 16).

A postura de São Paulo nesses dois textos é bastante diferente. Nos *Atos*, servindo-se de alguns esquemas conhecidos nas escolas filosóficas de então e já utilizados pela propaganda monoteísta dos judeus de cultura grega, ele procura aproximar a mensagem cristã daquilo que os filósofos gregos diziam. Talvez um dos filósofos estoicos que ouviu São Paulo pudesse ter feito um discurso semelhante. Assim, Paulo apresenta a Boa Nova da

pregação cristã não tanto como uma ruptura com a teologia grega, mas um aperfeiçoamento dessa. De fato, Paulo diz que o verdadeiro Deus que tudo fez, o Senhor do céu e da terra, que dá a tudo vida e alento, não habita em templos materiais construídos pelos homens. Ele de nada precisa. Está, ao mesmo tempo, distante e próximo de nós. Cita até um verso do poeta Arato, se é que não se trata de uma frase do Hino a Zeus do estoico Cleanto.

Mas, no final, quando Paulo se refere à ressurreição de Jesus, seus ouvintes caem na risada e lhe dizem: “a respeito disso te ouviremos noutra ocasião”. Lucas, o redator dos *Atos*, assinala o magro resultado dessa pregação, para não dizer seu fracasso quase completo.

Saindo de Atenas, Paulo foi para a cidade de Corinto. Alguns anos mais tarde, na sua primeira carta à comunidade cristã dessa cidade, ele recordará como lhes anunciou o Evangelho. Sua estratégia foi bem diferente daquela utilizada em Atenas. É o próprio Paulo quem diz:

“Eu mesmo, quando fui ter convosco, irmãos, não me apresentei com o prestígio da palavra ou da sabedoria para vos anunciar o mistério de Deus. Pois, não quis saber outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado”.

Se Paulo deixa de lado o “prestígio da palavra ou da sabedoria” é porque há uma grande distância entre a “sabedoria deste século” e a “sabedoria de Deus”. Vale a pena citar de novo São Paulo, pois esta passagem ficou muito conhecida por causa de sua crítica ardorosa e indignada da sabedoria humana:

“Cristo me enviou para anunciar o Evangelho, sem recorrer à sabedoria da linguagem, a fim de que não se anule

a cruz de Cristo. Com efeito, a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus. Pois, está escrito: “Destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes; onde está o sábio? Onde está o homem culto? Onde está o argumentador deste mundo? Deus não tornou louca a sabedoria deste mundo? Com efeito, visto que o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus, aprouve a Deus pela loucura da pregação salvar aqueles que creem. Os judeus pedem milagres e os gregos andam em busca de sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois, o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens”.

DUAS LINHAGENS DE CRISTÃOS

A diferença das atitudes de Paulo, em Atenas e Corinto, explica-se, pelo menos em parte, pela diferença de público. De um lado, pagãos cultos da capital intelectual do mundo mediterrâneo, conscientes de seu valor e prestígio; de outro, gente humilde pertencente às baixas camadas da população de um grande porto. Relembremos também que, ao escrever a 1ª. carta aos coríntios, Paulo está se dirigindo a uma comunidade cristã que atravessava um período de disputas internas e procura desqualificar os partidos em oposição.

Seja como for, as duas atitudes de São Paulo podem ser consideradas como os modelos que vão ser seguidos por duas linhagens de cristãos. De um lado, aqueles preocupados em relacionar o cristianismo com a cultura profana. O cristianismo, então, embora guardando sua originalidade irreduzível, é o prolongamento e consumação do que há de melhor na cultura profana. Outros cristãos constituem uma outra linhagem espiritual, mais sensíveis à transcendência do cristianismo em relação à cultura profana, e acentuam a separação entre esse e o mundo.

Nomes importantes fazem parte dessas duas linhagens. Mas será um dos membros da primeira quem formulará de modo preciso as orientações que constituirão a matriz do pensamento ocidental por um bom tempo, no mínimo do século V ao XV. Estamos falando de Aurelius Augustinus, isto é, Santo Agostinho (354-430).

TRÍPLICE HERANÇA

Agostinho absorveu o que havia de melhor na cultura antiga tardia graças à sua formação como professor de retórica. Ao se converter ao cristianismo, pôs a serviço dele essa cultura, transmitindo aos que vieram depois dele uma enciclopédia de cultura cristã. Mas Agostinho não se contentou em sintetizar elementos da cultura antiga com o cristianismo. Ele refletiu sobre essa operação e forneceu aos que vieram depois dele um ideal cultural e uma orientação filosófica.

O ideal cultural de Agostinho foi expresso através de uma imagem bíblica à qual ele recorre no seu livro *A doutrina cristã* (*De doctrina christiana* II, 40, 60-61). O livro do *Êxodo* fala diversas vezes (por exemplo 3, 21-22) de um intrigante episódio: Deus or-